

A HISTÓRIA TRÁGICA DO
DOUTOR FAUSTO



O PAPA¹

CARDEAL² da Lorena

IMPERADOR³ da Alemanha

DUQUE⁴ de Vanholt

FAUSTO

VALDEZ⁵

CORNÉLIO⁶

} amigos de Fausto

WAGNER⁷, criado de Fausto

BOBO⁸

ROBIN

RALPH

TABERNEIRO

MERCADOR de cavalos

¹ Não é especificado nenhum Papa em especial. No “quarto” de 1616, porém, o Papa é Adriano, Adriano VI, um dos pontífices que viveram no tempo do verdadeiro Fausto.

² O cardeal da Lorena, não especificado na *História de Fausto*, era ao tempo, ao que parece, notório pela sua atitude antiprotestante e fanática. Pertencia à família dos Guise, que se celebrou pela matança de S. Bartolomeu.

³ É indicado Carlos V, que governou de 1519 a 1556.

⁴ É, na *História de Fausto* inglesa, bem como na alemã, o Duque ou Conde de Anhalt, estado situado na Saxônia prussiana.

⁵ Aparece Valdes no inglês. Não se sabe ao certo quem tenha sido, mas há razões para supor que se trate de um protestante espanhol de então. A partir dessa circunstância, e porque a métrica nos indica ser a palavra acentuada na última sílaba, adotamos a grafia Valdez na tradução.

⁶ Tudo parece indicar que se trate de Cornélio Agripa, filósofo protestante que gozou de fama de mágico.

⁷ O criado e discípulo de Fausto, que já aparece na *História* alemã. Cristóvão Wagner era o seu nome completo.

⁸ À falta de melhor, adotou-se essa tradução para *clown*, personagem típica do drama izabelino cuja missão era divertir e fazer rir o público.

CAVALEIRO

ANCIÃO

LETRADOS⁹, FRADES e CORTESÃOS

DÚQUESA de Vanholt

LÚCIFER

BELZEBU¹⁰

MEFISTÓFELES¹¹

ANJO BOM

ANJO MAU

OS SETE PECADOS MORTAIS

DIABOS

Espíritos, nas formas de ALEXANDRE MAGNO, a AMANTE¹² e HELENA¹³

CORO¹⁴

⁹ Não conhecemos tradução portuguesa perfeitamente satisfatória para a palavra inglesa *scholar*. Marlowe confunde mesmo a designação com a de *student* (cf. l. 1410). Vertemo-la de duas maneiras: em geral, por “letrado”, mas uma vez por “doutor” (l. 1226).

¹⁰ Lúcifer e Belzebu são, respectivamente, o arcanjo caído, chefe do Inferno, e um dos seus acólitos, que fora um deus pagão segundo o Antigo Testamento.

¹¹ Considerado a partir do século XVII um dos mais importantes súditos e colaboradores de Lúcifer. Desconhece-se a origem do nome.

¹² Alexandre da Macedônia, que governou de 356 a 323 a.C., e Roxane, com quem se casou após a derrota dos persas.

¹³ Mulher de Menelau, filha de Zeus e de Leda, raptada por Páris, filho do rei troiano Príamo. Há várias lendas medievais acerca do aparecimento do fantasma ou espírito de Helena.

¹⁴ De origem clássica, o Coro apareceu na Inglaterra com o drama do Renascimento e continuou a existir no período izabelino, embora não surja em todas as peças. Aqui é dito por um único ator assim designado, e ora serve de narrador de fatos essenciais ao seguimento que não são postos em cena (1ª, em parte; 2ª e 3ª vezes) ora de comentador esclarecido, de “espectador ideal”, como diz Schiller (1ª, também em parte; e 4ª vez).

(*Entra o Coro pela primeira vez*)

CORO

Nem marchando nos campos do Trasímeno¹,
Onde Marte susteve os de Cartago,
Nem brincando de amor co'os brincos vários,
Em cortes, onde o estado se subverte,
Nem em pompa de feitos audaciosos 5
Quer nossa musa erguer divinos versos.
Mostraremos, Senhor's, isto somente:
Os destinos de Fausto, bons ou maus.
Indulgência e aplauso vos pedimos,
E da infância de Fausto falaremos. 10
Ora nasceu, de mui humildes pais,
Na cidade alemã chamada Rhodes².
De mais idade, foi pra Wertenberg³,
Onde parentes seus⁴ o educaram.
Progride em Teologia tão depressa. 15
— Cuidado o rincão fértil da escolástica —
Que de doutor o grau em breve aufere,
A todos superando, que primavam

¹ Alusão à batalha do Trasímeno, em que os cartagineses, chefiados por Aníbal, venceram os romanos, sendo-lhes, portanto, Marte favorável. Em português, a palavra tem tradição de paroxítona, mas também de proparoxítona.

² Trata-se da cidade alemã de Roda, na Saxe-Altenburg, já mencionada como terra natal de Fausto na *História* alemã.

³ Confusão com Wittenberg, cidade alemã célebre pela sua universidade.

⁴ Segundo o romance de Fausto, tratava-se, na verdade, de um parente só, um tio.

Em discutir matérias teológicas.
Até que, de saber e orgulho inchado, 20
Suas asas de cera⁵ demais sobem,
Derretem-se, e os Céus tramam-lhe o mau fim.
Pois, artes praticando diabólicas,
Dos áureos frutos do saber repleto,
Se abarrota em danada nigromancia. 25
Nada tão caro lhe é, como a magia,
Que antepõe ao mór bem, a salvação!
Eis quem vereis sentado em seu escritório.

(Sai)

⁵ Alusão às asas de cera de Ícaro que se derreteram ao aproximar-se este demasiado do Sol, fazendo-o cair e perecer.

(Fausto aparece no seu gabinete)

FAUSTO

Fausto, ordena os estudos e procura
 Sondar o fundo do que vás seguir. 30
 Pois começaste, dá-te por teólogo,
 Porém visando o fim das artes todas.
 Co'as obras de Aristót'les vive e morre.
 Como me cativaste, oh Analítica?²
*Bene disserere est finis logices.*³ 35
 Será bem disputar o fim da lógica?
 Não confere tal arte mór's milagres?
 Então não leias mais. Chegaste ao cabo.
 Maior tema requer de Fausto o engenho.
 Economia⁴, adeus. Venha Galeno⁵, 40
 Pois *ubi desinit philosophus, ibi incipit medicus*⁶.

¹ No “quarto” de 1604, que serve de base ao nosso texto, as cenas não se encontram demarcadas. Por isso as indicamos entre parênteses, ou seja, indicamos o que quer que não se encontre no texto de 1604. A divisão é bastante difícil, e daí vêm as divergências dos diferentes editores. O princípio seguido na presente edição foi o de demarcar a nova cena a partir de todos os momentos em que o palco fique vazio, e só então.

² A Lógica Analítica de Aristóteles, uma das sete disciplinas do *curriculum* medieval.

³ “A finalidade da lógica é bem argumentar.”

⁴ Segundo todas as probabilidades, trata-se não da palavra “economia”, mas da frase grega de Aristóteles *ôn kai mê ôn*, que significa “ser ou não ser”. Esta é a emenda de Bullen à grafia que aparece na edição de 1604, “Oncaymaeon”.

⁵ O célebre autor de escritos sobre medicina, famoso durante toda a Idade Média, que viveu na Ásia Menor no século II.

⁶ “O médico começa onde termina o filósofo.”



A HISTÓRIA TRÁGICA DO DOUTOR FAUSTO

38 |

Médico sejas, Fausto, ajunta ouro,
 Torna-te eterno por 'spantosa cura.
*Summum bonum medicae sanitas*⁷:
 À saúde do corpo visa a física⁸ 45
 Fausto, não conseguiste já tal fim?
 Não se julgam teus ditos aforismos,
 Tuas receitas, por padrões erguidas,
 P'las quais à peste escaparam cidades,
 Mil doenças fatais acharam cura? 50
 Contudo, és inda Fausto, inda um homem...
 Se pudesses a vida eterna dar,
 Ou um morto fazer voltar à vida,
 Digno seria então teu mister.
 Física, adeus! Que é de Justiniano⁹? 55

(Lê)

*Si una eademque res legatur duobus, alter rem,
 alter valorem rei etc.*¹⁰
 De mesquinhas heranças, lindo caso...

(Lê)

*Exhaereditare filium non potest pater, nisi etc.*¹¹
 Aqui tendes o objeto do *Instituto*¹², 60

⁷ “A finalidade principal da medicina é a saúde.”

⁸ Na acepção medieval de medicina.

⁹ O imperador do Império Romano do Oriente, por cujo mandato se organizaram os códigos de leis romanos. Viveu no século vi.

¹⁰ “Se uma e a mesma coisa é legada a duas pessoas, uma ficará com a coisa e outra com o valor correspondente.”

¹¹ “O pai não pode deserdar o filho, a não ser que...”

¹² Alusão às *Instituições* de Justiniano.



Ou do *Corpo de leis* universal... | 39
 Só mercenários satisfaz tal 'studio,
 Que apenas visam ext'rior's andainas;
 Pra mim, servil demais e constrictivo.
 Após tudo, o melhor é Teologia. 65
 De Jerônimo¹³ a Bíblia observa, Fausto.

(Lê)

*Stipendium peccati mors est.*¹⁴ Ah! *Stipendium... etc.*
 A morte é do pecado o prêmio!... É duro!

(Lê)

*Si peccasse negamus, fallimur; et nulla est in nobis
 veritas.*¹⁵ Se negamos ter pecado, a nós próprios nos 70
 enganamos e nenhuma verdade existe em nós. Mas
 parece então que temos que pecar e, conseqüente-
 mente, morrer:

Ai... temos que morrer de eterna morte...
 Como chamais a lei *Che sera, sera*¹⁶? 75
 Será o que há de ser? Teologia,
 Vai-te! Estas metafísicas de mágicos,
 Livros de necromancia são divinos!...
 Linhas, figuras, circ'los, caracteres,
 São esses os que Fausto mais deseja! 80

¹³ Trata-se da chamada *Vulgata*, a tradução latina da Bíblia feita por S. Jerônimo nos fins do século IV, princípios do século V.

¹⁴ "A paga do pecado é a morte."

¹⁵ Segue-se a tradução no próprio texto.

¹⁶ Segue-se a tradução no próprio texto. Trata-se de uma forma obsoleta do provérbio italiano *Che sarà sarà*.

Que mundo inteiro de prazer e lucro,
De grão poder, onipotência e honra,
'Stá prometido ao estudioso artífice!
Quanto se move entre os dois pólos quedos
Terei ao meu dispor: reis, imp'rades, 85
Apenas são p'los mais obedecidos...
Não podem erguer ventos, rasgar nuvens...
P'lo seu domínio, que tudo isto excede,
Alcançando até onde a mente alcança,
Um mágico sagaz é deus pod'roso! 90
Pra ser's divino, aguça, Fausto, o engenho!
Oh, Wagner!

(Entra Wagner)

Recomenda-me a Cornélio
E Valdez, meus amigos alemães.
Pede-lhes com empenho me visitem. 95

WAGNER

Vou já, senhor.

(Sai)

FAUS Melhor pra mim será com el's falar,
Que os meus esforços todos, por mais duros...

(Entram o Anjo Bom e o Anjo Mau)

ANJO BOM

Oh, Fausto, põe de parte esse mau livro,
Não o remires, que te tenta a alma, 100

Te acumula na frente a ira divina
Lê antes a Escritura: isso é blasfêmia!

ANJO MAU

Prossegue, Fausto, na famosa arte,
Que contém os tesouros da Natura.
Sê tu na terra o que Jove¹⁷ é no céu,
Deus e senhor dos elementos todos.

105

(Saem os Anjos)

FAUS Como este pensamento me assoberba!
Espíritos trarão quanto eu deseje?
Darão resposta a todas as minhas dúvidas?
Farão quanto eu mais louco empreender?
Direi que à Índia voem pelo ouro,
Que revolvam por perlas o oceano,
E rebusquem no Novo Mundo os cantos
Por doces frutos, rara especiaria.
Hão de me ler filosofia estranha,
Contar segredos de estrangeiros reis,
Toda a Alemanha hão de murar de bronze,
Farão que o Reno¹⁸ cerque Wertenberg,
Hão de as escolas recheiar de sedas,
Com que se hão de vestir os estudantes;
Fundos terei pra recrutar soldados

110

115

120

¹⁷ Os autores do Renascimento, como Marlowe, confundem as designações pagãs e cristãs da divindade; por outro lado, com o incremento das tendências puritanas, os censores ou “Masters of the Revels” substituíam às vezes a palavra “God” pela palavra “Jove”, para que a primeira não sofresse a injúria de aparecer numa peça teatral.

¹⁸ Por Wittenberg (ver nota 3, p. 35) passa o Elba, não o Reno. Daí o extraordinário e espantoso da tenção de Fausto.

E da pátria expulsar de Parma o príncipe¹⁹,
 De todas as províncias ser rei único;
 Mais estranhos engenhos para a guerra,
 Que a ígnea barca à ponte de Antuérpia²⁰,
 Meus espíritos dóceis criarão.

125

(Entram Valdez e Cornélio)

Valdez, Cornélio de Alemanha, entrai.
 Favorecei-me com conselhos sábios.
 Olhai, meu bom Valdez, e vós, Cornélio,
 Que enfim me convenceram vossos rogos
 A praticar magia e artes ocultas.
 Vossos rogos – e a minha fantasia,
 Que nenhum outro fito acata já.
 Só me ruma a mente em nigromancia,
 Pra mim, Filosofia é escura, odiosa,
 Direito e Medicina são mesquinhos,
 De todas a mais baixa é Teologia,
 Desagradável, rude, ignara e vil.
 Só a magia, a magia me encanta!
 Amigos, ajudai-me em meu intento,
 E eu, que com concisos silogismos
 Confundi os pastor's da nova igreja,
 E fiz de Wertenberg os mais sagazes

130

135

140

¹⁹ O governador espanhol dos Países Baixos desde o ano de 1579. Deixou esses territórios, que fizeram parte do império alemão até 1648, em 1590 e veio a morrer em 1592.

²⁰ No cerco de Antuérpia de 1584-1585, tendo o príncipe de Parma construído uma ponte que os sitiados precisavam destruir, usaram estes do estratagema de um barco cheio de pólvora e em fogo que lançaram corrente abaixo e que realmente produziu o efeito desejado.

Enxamearem, rodeando os meus problemas,
 Quais os demônios a Museu²¹ gentil
 Quando ao Inferno desceu, serei tão sábio,
 Como Agripa²², que toda a Europa honra.

VALDEZ

Estes livros, teu tino e nossa prática,
 A que nos canonizem levarão.
 Como a espanhóis, indianos mouros servem, 150
 Assim dos elementos os espíritos
 A nós três serão sempre obedientes:
 A bel-prazer, leões pra nos guardar,
 Cavaleiros germanos lança em riste,
 Lapões²³ gigantes junto a nós trotando; 155
 Outras vezes, quais damas ou donzelas,
 Em seus cílios mostrando mais beleza
 Que da deusa do amor os alvos seios...
 De Veneza trarão as ricas naus,
 E da América o raro velo de ouro²⁴, 160
 Que os cofres a Filipe enche anualmente,
 Queira ser resoluto o douto Fausto.

FAUS Estou nisto, Valdez, tão resoluto,
 Como tu a viver's. Não mais objetes.

²¹ Museu é citado por Virgílio no livro VI da *Eneida*. Parece ter sido um poeta grego do século VI e, após a morte, é claro, um dos espíritos ou “sombras” dos Campos Elíseos parte do Inferno, segundo a mitologia clássica.

²² Ver nota 6, p. 33.

²³ Confusão de Marlowe, pois os lapões são de pequena estatura. A Lapônia, porém, era frequentemente citada como pátria de seres monstruosos e dotados de poderes sobrenaturais.

²⁴ Alusão ao ouro da América, trazido para a Espanha de Filipe, segundo Marlowe, em grandes *argosies*. Apesar de o Dicionário de Oxford, palavra *argosy*, completamente desligar esta da lenda dos argonautas, indicando para sua etimologia Ragusa, não sabemos se Marlowe, visto citar imediatamente a seguir o velo de ouro, teria em mente qualquer jogo verbal.

CORNÉLIO

Os milagres obrados p'la magia 165

Far-te-ão abandonar todo outro estudo.

Na Astrologia, quem estiver treinado,

Línguas perceba, minerais conheça,

As bases pra magia todas têm.

Oh, não duvides, Fausto! Mais citado 170

E buscado serás por tais mistérios

Que o orác'lo de Delfos²⁵ noutros tempos.

O mar poder secar, dizem-mo espíritos,

E trazer dos naufrágios os tesouros,

E mais, toda a riqueza que, escondida, 175

Na terra os avós nossos sepultaram.

Que quereremos mais, diz-me então, Fausto?

FAUS Cornélio, nada! A alma isto me encanta!

Oh, dai-me algumas provas de magia,

Que eu possa conjurar num bosque espesso, 180

E plena posse tenha de tais bens.

VALD Busca depressa então um ermo bosque,

De Bacon²⁶ e Albano²⁷ leva as obras,

E o Salmo Hebreu, e o Novo Testamento²⁸,

Que do mais necessário te diremos 185

Inda antes da conversa terminada.

CORN Ensina-lhe primeiro os termos mágicos,

E os outros ritos todos, pra que Fausto,

Possa sozinho exp'rimentar seu jeito.

²⁵ O mais famoso oráculo da Antigüidade foi o de Apolo, em Delfos.

²⁶ O filósofo do século XIII, Roger Bacon, que gozou de fama de mágico.

²⁷ Poderá ter sido, como explicou Düntzer, Pietro d'Albano, médico e alquimista italiano do século XIII, ou então será um erro e estará Alberto, Alberto Magno, frade dominicano alemão também do século XIII, que gozou de fama de mágico.

²⁸ Partes de um e de outro serviam comumente de fórmulas para conjurar.

MARLOWE

VALD Primeiro, os rudimentos te darei;
Mais perfeito do que eu depois serás.

| 45

FAUS Jantai comigo então, para depois
Todos os requisitos discutirmos.
Quero-me exp'rimentar inda esta noite,
E conjurar, nem que por isso morra!

195

(Saem)